

Leda M. da Costa

Universidade do Estado do
Rio de Janeiro – (UERJ)

E-mail:

ledamonte@hotmail.com

Ronaldo Helal

Universidade do Estado do
Rio de Janeiro – (UERJ)

E-mail:

rhelalfla13@gmail.com



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

Futebol, imprensa e literatura: reflexões sobre a recepção crítica do livro O Negro no Futebol Brasileiro (1947-1948)

*Football, press and literature: reflections on the
critical reception of the book The Black Man in
Brazilian Soccer (1947-1948)*

*Fútbol, prensa y literatura: reflexiones
sobre la recepción crítica del libro O
Negro no Futebol Brasileiro (1947-1948)*

da Costa, L. M., & George Helal, R. Futebol, imprensa
e literatura: reflexões sobre a recepção crítica do
livro O Negro no Futebol Brasileiro (1947-1948).
Revista Eco-Pós, 28(1), 495-521.
<https://doi.org/10.29146/eco-ps.v28i1.28288>

Dossiê Alfabetização Midiática e News Literacy

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 28, n. 1, 2025

DOI: 10.29146/eco-ps.v28i1.28288

RESUMO

Este artigo propõe fazer uma breve análise da recepção crítica da primeira edição do livro *O Negro no Futebol Brasileiro* (1947), de Mário Filho. Os textos críticos mais relevantes foram publicados no jornal dos Sports, entre 1947 e 1948, tendo sido assinadas por renomados escritores e intelectuais. Esse fato em especial confere singularidade à obra de Mário Filho, sobretudo, se consideramos o âmbito de produção de livros sobre futebol da época. Uma possível explicação para esse fenômeno pode ser encontrada no prefácio escrito por Gilberto Freyre ao livro e que foi, frequentemente, referenciado no conjunto de textos críticos aqui analisados. O trabalho também busca investigar as interpretações atribuídas à obra, identificando os autores envolvidos e as relações de proximidade entre aqueles que transformaram a primeira edição de *Negro no Futebol Brasileiro* em um objeto hermenêutico.

PALAVRAS-CHAVE: *Livros sobre Futebol; Recepção Crítica; Mario Filho; O Negro no Futebol Brasileiro.*

ABSTRACT

This article proposes a brief analysis of the critical reception of the first edition of the book *O Negro no Futebol Brasileiro* (1947), by Mário Filho. The most relevant critical texts were published in the *Jornal dos Sports* between 1947 and 1948, and were written by renowned writers and intellectuals. This fact in particular gives Mário Filho's work a unique character, especially if we consider the scope of production of books about football at the time. A possible explanation for this phenomenon can be found in the preface written by Gilberto Freyre to the book, which was frequently referenced in the set of critical texts analyzed here. The work also seeks to investigate the interpretations attributed to the work, identifying the authors involved and the close relationships between those who transformed the first edition of *Negro no Futebol Brasileiro* into a hermeneutic object.

KEYWORDS: *Books About Football; Critical Reception, Mario Filho; The Black Man in Brazilian Football.*

RESUMEN

Este artículo se propone hacer un breve análisis de la recepción crítica de la primera edición del libro *O Negro no Futebol Brasileiro* (1947), de Mário Filho. Los textos críticos más relevantes fueron publicados en el *Jornal dos Sports*, entre 1947 y 1948, y fueron escritos por escritores e intelectuales de renombre. Este hecho en particular confiere a la obra de Mário Filho un carácter único, sobre todo si consideramos el alcance de la producción de libros sobre fútbol en aquella época. Una posible explicación a este fenómeno la encontramos en el prefacio escrito por Gilberto Freyre al libro y que fue frecuentemente referenciado en el conjunto de textos críticos aquí analizados. El trabajo busca también investigar las interpretaciones atribuidas a la obra, identificando a los autores involucrados y las estrechas relaciones entre quienes transformaron la primera edición de *Negro no Futebol Brasileiro* en un objeto hermenêutico.

PALABRAS CLAVE: *Libros sobre Fútbol; Recepción Crítica, Mario Filho; El Negro En El Fútbol Brasileiro.*

Submetido em 24 de maio de 2024.

Aceito em 30 de agosto de 2024.

Mário Filho, o autor de livros

Este artigo objetiva propor a análise de um pequeno conjunto de resenhas publicadas entre os anos de 1947 e 1948 no *Jornal do Sports*, e que formam uma valiosa, e ainda pouco estudada, parte da recepção crítica da primeira edição do livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, desse autor. Essa publicação ocupa lugar de destaque tanto na carreira de seu autor quanto na história dos livros sobre futebol no Brasil. A obra em questão busca narrar a história do futebol nacional por meio da árdua trajetória de inserção do negro nesse esporte, um processo marcado pelo racismo, problema que se estendia à sociedade brasileira como um todo. Essa percepção é expressa no prefácio da obra por Gilberto Freyre, que afirmou: “Aqui está um capítulo da história do foot-ball no Brasil que é também uma contribuição valiosa para a história da sociedade e da cultura brasileiras” (Mário Filho, 1947, p. 5).

Em um período em que a recepção crítica de livros ainda não havia se consolidado como uma prática sistematizada, chama atenção o fato de uma publicação sobre futebol ter despertado interesse e se transformado em objeto hermenêutico para um círculo de importantes figuras do cenário intelectual e literário do país, como, por exemplo, Nelson Werneck Sodré, Maria Isaura Pereira e Raquel de Queiroz.

Serão levantadas algumas hipóteses explicativas sobre esse fenômeno e, para isso, será realizado um breve percurso pelo contexto de produção e recepção da obra *O Negro no Futebol Brasileiro*, cuja primeira edição data de 1947. Esse percurso terá início com seu autor, Mário Rodrigues Filho, um dos mais influentes jornalistas esportivos do Brasil. Antes de se dedicar às notícias esportivas, demonstrava forte interesse pela produção ficcional. No final dos anos de 1920, chegou a publicar contos e poemas no jornal popular, *A Manhã*, de propriedade de seu pai, o polêmico jornalista Mário Rodrigues (Barbosa, 2007). Nesse periódico, pelo menos de 1926 a 1927, manteve as páginas “Arte & Cultura” e “Espírito Moderno”, dedicadas à divulgação literária¹. Ambas contavam com um notável cuidado em sua diagramação, sendo ricamente ilustradas com desenhos

¹ É importante reiterar que para essa elaboração deste artigo realizou-se uma rápida consulta ao acervo dos jornais *A Manhã* e *Crítica* disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. O período abordado nessa consulta diz respeito ao lançamento de *Bonecas e Senhorita 1950*, de Mário Filho, ou seja, os anos de 1926 e 1927. Nesse período foi verificada a existência de duas páginas literárias, a primeira denominada “Arte & Cultura” e “Espírito Moderno”.

de Roberto Rodrigues², irmão de Mário Filho, e do chargista Andrés Guevara. Nessas páginas foram publicados escritos de nomes como a poetisa argentina Alfonsina Storni, o escritor mineiro Plínio Motta e o pernambucano Faria Neves Sobrinho, além de outros autores amplamente conhecidos na época, como Gilka Machado e os modernistas Menotti del Picchia e Manuel Bandeira. Iniciativas como essa evidenciam a afinidade da família Rodrigues com o universo artístico, construindo nele — e a partir dele — um círculo de literatos e intelectuais que integraram a recepção crítica de alguns escritos de Mário Filho.

Antes de analisarmos *O Negro no Futebol Brasileiro*, vale a pena revisitar a recepção de alguns escritos de Mário Filho, publicados quando o jornalista ainda se dedicava à ficção e não mantinha uma relação tão estreita com o universo esportivo. Embora se trate de um tipo de produção completamente distinto daquele em que Mário Filho viria a se destacar como escritor de futebol, esta incursão busca explorar um período ainda pouco estudado de sua trajetória. Além disso, busca-se identificar pontos de semelhança no processo de divulgação e recepção crítica, a serem observados no caso do livro *O Negro no Futebol Brasileiro*. Uma das semelhanças diz respeito ao farto recurso aos epítextos que são elementos que se situam fora da composição física do livro, exercendo, geralmente, uma função publicitária, promocional ou mesmo crítica (Genette, 2009). *Bonecas* é exemplar desse fenômeno. Embora não tenhamos, até o momento, acesso à materialidade dessa obra, assim como raras e incertas sejam as menções feitas a seu conteúdo, é possível, e de modo mais seguro, traçarmos a partir das páginas do jornal *A Manhã* um rápido panorama dos modos pelos quais buscou-se estabelecer o contato dessa obra com o público.

Na segunda metade de novembro de 1926, mais precisamente, em 20 de novembro de 1926, *Bonecas* chega para o público, fato que é comunicado do seguinte modo: “Aparecerão hoje as primeiras Bonecas. Novela de Mário Filho. Preço 4\$000. A venda na redação de *A Manhã*” (*A Manhã*, 1926, s.p). Além da redação do jornal, outros locais, onde seria possível a compra de um exemplar, são indicados como ocorre, por exemplo, no anúncio: “Um espelho que deixa ver toda nua a alma de uma mulher em Bonecas. Novella de Mario Rodrigues Filho. Peça ao seu jornaleiro. Peça nas livrarias. Peça na redacção de “*A Manhã*” (*A Manhã*, 1926, p. 4). É válido lembrar que,

² Roberto Rodrigues era desenhista e crítico de arte. Em 1929 o jornal *Crítica* noticiou de modo sensacionalista o divórcio entre Sylvia Serafim e João Thibau Jr. Em uma época em que o divórcio era socialmente malvisto, Sylvia não conseguiu suportar o escândalo. Um certo dia, entrou na redação da *Crítica* munida de uma arma e disposta a matar Mário Rodrigues, o dono do jornal. Mário Rodrigues não estava presente e Sylvia foi atendida por seu filho Roberto, sendo por ela assassinado com três tiros.

nos anos de 1920, o cenário editorial brasileiro ainda se mostrava embrionário, com poucas editoras, livrarias e um público leitor pequeno (Hallewell, 2017). Esse contexto torna provável que *Bonecas* tenha sido editado pelo próprio Mário Filho, tarefa facilitada devido ao seu vínculo com o jornal *A Manhã* e a possibilidade do uso de sua infraestrutura para impressão³. Aliás, a maioria dos livros que circulavam no Brasil na época eram impressos graças aos esforços pessoais de seus autores, *Bonecas* parece ser ter seguido esse caminho (Pontes, 1988).

Entre novembro de 1926 e julho de 1927, o livro de Mário Filho foi frequentemente mencionado nas páginas do jornal *A Manhã*, compondo um conjunto de epitextos formado por pequenas propagandas e informações sobre sua participação em exposições⁴ e alguns comentários plenos de enaltecimento à obra e ao autor Mário Filho. Vale destacar a edição de *Espírito Moderno* na qual são compilados trechos elogiosos dirigidos a *Bonecas* escritos por 14 (quatorze) autores diferentes sob o título *crítica e Mário Rodrigues Filho* (17/07/1947). Dentre os nomes destaca-se o de Agripino Grieco que na década de 1920 foi um dos idealizadores da revista *O Mundo Literário* e que nos anos de 1930 lançou *O Boletim de Ariel*, vinculado à Editora Ariel, de sua propriedade⁵. Outro nome de destaque é Ronald de Carvalho, que exalta Mário Filho e “a maestria com que seu talento domina assumptos, a graça com que os envolve o seu estilo, a agudez que transparece na sua visão de escritor moderno” (17 de julho de 1927). Ronald de Carvalho teve um papel significativo na Semana de Arte Moderna de 1922.

Além de *Bonecas*, naquele mesmo ano de 1927, é possível encontrar referências a *Senhorita 1950*, outra obra de Mário Filho sobre cuja materialidade, até o momento, também não temos evidências. Em 1928, o referido jornalista assumiu a chefia da seção esportiva do *Crítica*, jornal fundado naquele mesmo ano por seu pai, Mário Rodrigues Filho.

No entanto, é no jornal *O Globo*, especialmente na coluna *Da Primeira Fila*, publicada a partir de 1942, que Mário Filho constrói as bases para a composição de seus principais livros sobre futebol, *Copa Rio Branco* (1943), *Histórias do Flamengo* (1945), *O Negro no Futebol Brasileiro* (1947) e *Romance do*

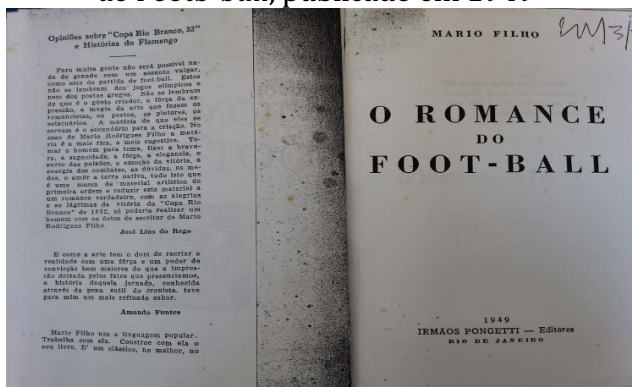
³ Acrescenta-se o fato de não haver, nos anúncios e comentários sobre o livro, referência alguma a uma possível editora que tenha sido responsável pela publicação.

⁴ Na edição de 28 de maio de 1927, o jornal *A Manhã* exalta a participação de *Bonecas* no Salão do livro, evento que de acordo com a descrição do periódico era uma exposição das ilustrações de livros recém-lançados. O livro *Bonecas* foi ilustrado por André Guevara.

⁵ Agripino Grieco desempenhou papel importante na construção de uma crítica literária especializada no Brasil. O *Boletim de Ariel* foi publicado de 1931 a 1939 pela Ariel Editora Ltda. fundada por Agripino Grieco e Gastão Cruls em 1930 (Luca, 2017).

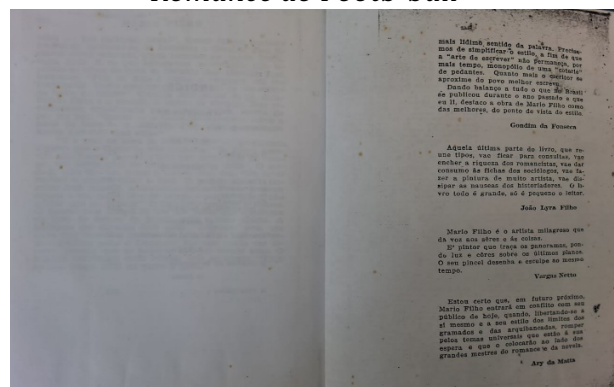
Futebol (1949)⁶. Destacam-se nessas obras os paratextos editoriais, materializados em prefácios, orelhas e contracapas. Esses elementos de acordo com Gerard Genette (2009) se configuram como unidades verbais e não verbais que compõem o corpo do livro e que representam recursos importantes para que alguns sentidos pretendidos sejam comunicados aos seus leitores. Nas publicações mencionadas destaca-se o prefácio de *Copa Rio Branco* (1943), escrito por José Lins do Rego, amigo de Mário Filho. Já naquela época, Lins do Rego era um autor de grande prestígio literário e sucesso de vendas (Pontes, 1988). Em *Romance do futebol* (1949), há referências à recepção crítica dos livros que lhes são anteriores. A orelha da obra é composta por fragmentos de comentários dedicados a *Copa Rio Branco* e *Histórias do Flamengo*, elaboradas por autores como João Lyra Filho, Vargas Netto e Ary da Matta⁷. Na quarta capa, encontram-se trechos de comentários dedicados especificamente ao *O Negro no Futebol Brasileiro*, assinados por nomes como Gilberto Freyre, Artur Ramos, Rachel de Queiroz, Rubem Braga, Nelson Werneck Sodré, Luiz Costa Pinto e Waldemar Cavalcanti (Figuras 1, 2 e 3).

Figura 1 – Primeira orelha do livro *O Romance do Footb-ball*, publicado em 1949⁸



Fonte: Arquivo pessoal dos autores - *Romance do Footb-ball* de Mário Filho.

Figura 2 – Segunda orelha do livro *O Romance do Footb-ball*⁹



Fonte: Arquivo pessoal dos autores - *Romance do Footb-ball* de Mário Filho.

Figura 3 – Contracapa do livro *O romance do foot-ball*¹⁰

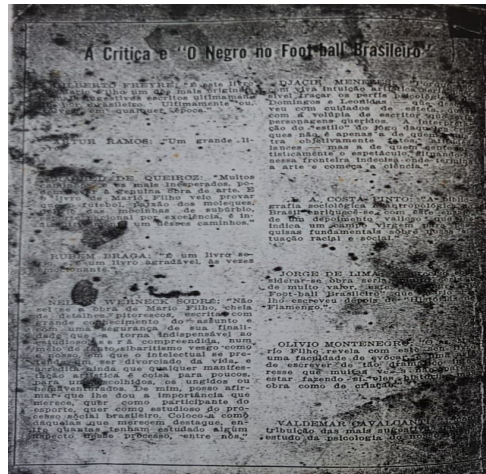
⁶ Com o fechamento do *Crítica*, logo após a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, em 1930, Mário Filho, junto a parte da equipe, passou a trabalhar na redação esportiva de *O Globo*.

⁷ Ary Da Matta escreveu uma breve resenha sobre *O Negro no Futebol Brasileiro*, intitulada "Futebol e sociologia". O texto foi publicado no jornal *A Manhã* em 3 de abril de 1947.

⁸ Nesse elemento paratextual constam trechos de críticas ao livro *Copa Rio Branco*, de 1943, e *Histórias do Flamengo* de 1945.

⁹ Publicado em 1949. Nesse elemento paratextual constam trechos de críticas ao livro *Copa Rio Branco* (1943), e *Histórias do Flamengo* (1945).

¹⁰ Contendo trechos de críticas feitas sobre livro *O Negro no Futebol brasileiro*.



Fonte: Arquivo pessoal dos autores - *Romance do Foot-ball* de Mário Filho.

O recurso a esses elementos paratextuais sugere não apenas uma tentativa de divulgar as obras anteriores de Mário Filho, mas também funciona como um mecanismo de legitimação, ao atestar ao público sua qualidade e confiabilidade enquanto escritor. Destaca-se, ainda, que tais paratextos são assinados por pessoas que não, necessariamente, vinculadas ao futebol, mas, antes de tudo, por renomados escritores e intelectuais da época. Esse detalhe evidencia a proximidade de Mário Filho com o circuito letrado, algo já perceptível desde a época em que publicava seus escritos ficcionais nas páginas literárias de *A Manhã* e quando editou *Bonecas* e *Senhorita* (1950). Esse aspecto confere singularidade aos seus livros sobre futebol, especialmente *O Negro no Futebol Brasileiro*.

1. A produção de livros sobre futebol (anos de 1910 a 1950)

O primeiro livro sobre futebol publicado no Brasil foi o *Guia Esportivo*, de autoria do jornalista paulista Mário Cardim, em 1903, responsável por traduzir e levar a público as regras do football association¹¹ (Piazzi, 2018). O *Guia* tinha um caráter didático, semelhante ao de um manual, e buscava orientar tanto o público especializado quanto o leigo sobre as normas esportivas, além de fornecer informações sobre o campeonato da Liga Paulista de Futebol (Gambetta, 2014). Essas características são compartilhadas pela maioria das primeiras publicações sobre o referido esporte, o que na época ocupava relevante papel na promoção e popularização do futebol no Brasil. Além de guias explicativos

¹¹ Publicado pela primeira vez, em 1903, o *Guia* teve quatro edições consecutivas até 1906, evidenciando o grande interesse que despertou entre os leitores.

e informativos, esse pequeníssimo nicho editorial, inaugurado nos anos iniciais do século XX, era composto por dicionário, biografias e literatura ficcional (Piazzzi, 2018)¹². Mesmo que ainda se tratasse de uma prática recente, sobretudo, no âmbito dos clubes, o futebol despertou a vontade de alguns autores não somente traçarem, mas também interpretarem a trajetória desse esporte no país.

Nesse primeiro momento, Antônio Figueiredo se destaca nessa iniciativa. Jornalista que construiu toda sua carreira no jornal *O Estado de São Paulo*, publicou em 1918 o livro *História do Foot-ball em São Paulo*, um marco nesse tipo de abordagem. Embora não ofereça um panorama amplo do futebol paulista, a obra concentra-se nos jogos promovidos pela Liga de Futebol Paulista (LFP), restringindo-se à capital e aos clubes mais abastados. Além de apresentar uma breve linha cronológica do futebol, Antônio Figueiredo difundia a ideia desse esporte como um instrumento pedagógico, capaz de fortalecer a saúde e o vigor físico dos jovens. No prefácio, assinado pelo próprio autor, ele evoca a imagem viril dos povos gregos da Antiguidade, tomados como modelo ideal de excelência física e disciplina, o “typo perfeito, atleta, attico e culto, do heleno do século V” (Figueiredo apud Gambetta, 2005, p. 247).

O esforço interpretativo é evidente em *Grandezas e Misérias do Nosso Futebol Brasileiro*, obra publicada em 1933 pelo jogador Floriano Peixoto. Nascido em Minas Gerais, Floriano chamou atenção ao atuar no futebol gaúcho durante a década de 1920. Posteriormente, transferiu-se para o Fluminense (RJ) e o América (RJ), onde conquistou diversos títulos e participou de inúmeras partidas internacionais.

Além de atuar como jogador, Floriano Peixoto também trabalhou como jornalista para complementar sua renda. Em 1928, assinou uma crônica especial para o jornal *Crítica*, período em que Mário Filho já ocupava o cargo de editor esportivo desse periódico¹³. Seu livro, *Grandezas e Misérias do Nosso Futebol Brasileiro*, aborda o universo do futebol amador, destacando as condições precárias em que muitos jogadores atuavam — sem salários e frequentemente explorados pelos

¹² O trabalho de Piazzzi é uma referência essencial sobre livros de futebol no Brasil. No entanto, é importante destacar que parte desse estudo se baseia nas contribuições de Ademir Massayoshi Takara, bibliotecário do Centro de Referência do Futebol Brasileiro, e de Domingos Antônio D’Ângelo Junior, o maior colecionador de livros sobre futebol no país.

¹³ Nela são relatados detalhes sobre a viagem do clube América a Buenos Aires na matéria “Crítica publica, hoje, uma sensacional chronica de Floriano Peixoto Corrêa sobre o América em Buenos Aires” (13 de março de 1928). A viagem do clube carioca recebeu farta atenção do jornal que enviou sua Caravana Sportiva, composta por Mário Filho, seu irmão, Nelson Rodrigues, e um fotógrafo, para acompanhar o time

dirigentes dos clubes. A obra reúne elementos paratextuais assinados por importantes figuras do futebol brasileiro. O prólogo é de Max Valentim¹⁴, e o livro ainda conta com uma folha elogiosa escrita por Arthur Friedenreich, um dos primeiros grandes ídolos do futebol nacional. *Grandezas* apresenta uma visão retrospectiva do esporte, trazendo reflexões sobre sua evolução e desafios ao longo dos anos. O mesmo tipo de olhar é adotado no livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, notável logo no início do primeiro capítulo: “Há quem ache que foot-ball do passado é que era bom. De quando em quando a gente esbarra com um saudosista. Todos brancos, nenhum preto” (Mário Filho, 1947, p. 13).

A questão racial é um tema central em *O Negro no Futebol Brasileiro*, mas Mário Filho não foi o pioneiro a abordá-la por meio do futebol. Entre outubro e novembro de 1934, o jornal *Correio Paulistano* publicou, em seus rodapés, os dezessete capítulos de *O Homem Negro no Esporte Bandeirante*, obra de autoria de Salathiel de Campos (Jeuken, 2017). Os escritos de Salathiel têm grande importância por representarem uma rara e corajosa iniciativa de denunciar a forma como o homem negro era marginalizado tanto no futebol quanto na sociedade brasileira. Essa denúncia se soma a uma avaliação crítica do futebol brasileiro, assinada por um jornalista negro que atuou em veículos de grande relevância, como *A Gazeta*, nos anos 1920. Durante esse período, ele conviveu com figuras notáveis, como Thomaz Mazzoni, sobre quem falaremos mais adiante. Dado o impacto da temática abordada neste artigo, vale destacar brevemente *O Homem Negro no Esporte Bandeirante*, dialogando com algumas perspectivas interpretativas propostas pelo estudo de Bruno Jeuken (2017).

Além de jornalista, Salathiel Campos destacou-se por sua militância no movimento negro de sua época, aspecto que se reflete em suas análises sobre a presença do negro no futebol brasileiro. No entanto, sua escrita em *O Homem Negro no Esporte Bandeirante* revela certas contradições, ao conciliar um tom reivindicativo com a defesa do amadorismo esportivo, sem questionar os privilégios da elite que mantinha esse sistema e limitava a participação da população negra no esporte¹⁵. A rejeição ao profissionalismo, em parte, pode ser explicada pela forte ligação de Salathiel com o futebol de várzea, que ele via como um espaço mais democrático. Para ele, esse ambiente era

¹⁴ Max Valentim era o pseudônimo do geógrafo Affonso Várzea que também atuava como jornalista esportivo e redator. Sob o pseudônimo Max Valentim escreveu artigos para vários jornais e revistas e publicou alguns livros como por exemplo *O Futebol e sua Técnica*, em 1941.

¹⁵ O futebol só se tornou uma prática profissional em 1933. Até então, enquanto prevalecia o amadorismo, os principais clubes do país e as federações esportivas impunham barreiras à participação de jogadores negros e operários, buscando preservar o esporte como um território quase exclusivo da elite.

o verdadeiro berço dos jogadores mais talentosos do país —majoritariamente negros — e merecia reconhecimento. Salathiel associa a habilidade esportiva à ideia do corpo negro, concebido — de maneira problemática — a partir de uma perspectiva baseada em atributos raciais (Souza, 2008). O Negro no Futebol Bandeirante é uma produção singular e pioneira, o que nos faz perguntar os motivos pelos quais o nome de Salathiel não é mencionado no livro *Negro no Futebol Brasileiro* (NFB)¹⁶ e nem por aquele que foi seu colega de trabalho e chefe, Thomaz Mazzoni.

Antes de aprofundarmos a análise sobre *NFB*, vale destacar brevemente Thomás Mazzoni, um dos autores que mais escreveu sobre futebol no Brasil (Piazzzi, 2018)¹⁷. Em 1927, Thomás Mazzoni publicou seu primeiro *Almanaque Esportivo*. No ano seguinte, a convite de Casper Líbero, passou a integrar o suplemento esportivo de *A Gazeta*. Em 1929, assumiu o cargo de editor-chefe do periódico, consolidando sua influência no jornalismo esportivo brasileiro (Stycer, 2008). Defensor do nacionalismo, Thomás Mazzoni não cansou de levantar voz a favor da centralização do controle administrativo dos esportes no Brasil, papel que segundo ele, caberia ao Estado para, desse modo, dar fim ao que Mazzoni costumava chamar de “clubismo”, ou seja, o privilégio de interesses locais e particulares. Mazzoni advogava a favor do profissionalismo visto por ele como uma das soluções para aquilo que considerava uma desordem no futebol brasileiro marcado por constantes disputas entre interesses particulares¹⁸. Essas preocupações são elencadas em *Problemas e Aspectos do Futebol Brasileiro* — composto por escritos derivados de um conjunto de crônicas da sua coluna “Olimpicus”, publicada entre os anos de 1930 e 1939, do jornal *A Gazeta*. Na obra, Mazzoni exalta valores como a disciplina, o respeito às hierarquias assim como reitera a necessidade de entender o esporte como prática que, necessariamente, devia estar a serviço dos interesses da pátria (Silva, 2013)¹⁹. Como dito, a defesa do nacionalismo marca a produção de Mazzoni tornando-se incisivo, publicado em 1941, *O Esporte a Serviço da Pátria* incluía a transcrição da regulamentação federal do esporte, recém-promulgada pelo Conselho Nacional de Desportos (CND) (Silva, 2013).

¹⁶ Daqui por diante será usada a abreviatura *NFB* para fazer referência ao livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, de Mário Filho.

¹⁷ Mazzoni publicou cerca de 30 livros sobre futebol (Piazzzi, 2018).

¹⁸ O cenário futebolístico nacional era marcado por muitas rixas sobretudo entre as federações do Rio de Janeiro e São Paulo. O jornalista foi um fervoroso defensor dos ideais do Estado Novo, especialmente no que se refere à centralização do controle administrativo dos esportes no Brasil. Essa política alcançou seu auge em 1940, com a criação do Conselho Nacional de Desportos (CND), consolidando a intervenção governamental no setor.

¹⁹ Em 1938, o jornalista integrou a delegação brasileira de futebol como membro oficial, acompanhando a equipe na França durante a competição. De seus escritos derivou-se o livro *O Brasil na Taça do mundo*, publicado naquele mesmo ano (Franzini, 2003).

Em 1950, Mazzoni lançou *História do futebol brasileiro*, livro composto por 342 páginas, com 130 ilustrações seguindo a tradição da riqueza imagética típica dos seus *Almanaques*. Os prefácios do livro denominados respectivamente de “Introito”, assinado pelo próprio Mazzoni, e “Não é fácil a história do futebol brasileiro”²⁰ são elementos paratextuais nos quais se reitera ao público leitor, a importância da obra diante da dificuldade de se reunir documentos que oferecessem dados a respeito dos principais momentos da história do futebol em nosso país. A fonte principal de Mazzoni foram livros, até então, publicados a respeito dessa prática esportiva e material diverso coletado em jornais, reunidos, segundo o autor, no decorrer de 30 anos. Nos 11 capítulos que estruturam o livro, são relatados eventos e acontecimentos que exerceram impacto, despertaram curiosidade e dinamizaram o cenário do futebol no Brasil (Mazzoni, 1950). Nesse percurso, é dado destaque ao aspecto organizacional do futebol brasileiro, sobretudo no que diz respeito a fundação de clubes, ao surgimento dos primeiros campeonatos de futebol e as frequentes cisões ocorridas nas ligas esportivas de Rio de Janeiro e São Paulo²¹.

A narrativa de Mazzoni é concisa, econômica, objetiva, pautada na preocupação de apresentar os fatos cronologicamente organizados e menos atenta a esmiuçar seus contextos, o que, provavelmente, se relaciona às limitações impostas pelo amplo recorte temporal de sua empreitada. No que diz respeito à participação do negro no futebol é possível encontrar algumas considerações do autor sobre esse tema, como ocorre no Capítulo IV — que abarca os anos de 1915 e 1918 — quando se faz referência aos obstáculos que alguns clubes impunham à participação de “elementos de cor, mui particularmente na divisão principal. Tal preconceito vinha dede o passado, não tanto por questões de raça e sim de condições sociais” (Mazzoni, 1950, p. 119). As preocupações com o racismo, explicitadas pelo colega de profissão Salathiel, em 1934, não repercutem nas páginas de *História do Futebol Brasileiro*. Nele, também, não ecoa a proposta principal de o *NFB* de Mário Filho, autor, aliás, citado por Mazzoni como um dos “autênticos escritores do futebol brasileiro” (Mazzoni, 1950, p. 119). Donos de estilos e perspectivas interpretativas diferentes, Thomaz Mazzoni e Mário tinham em comum o projeto

²⁰ O texto denominado “Introito” é assinado por Mazzoni, o posterior não fora assinado. Aqui recorreremos novamente a Gérard Genette que entende prefácio como “toda espécie de texto liminar (preliminar ou pós-liminar), autoral ou alógrafo, que consiste num discurso produzido a propósito do texto que segue ou que antecede” (Mazzoni, 1950, p. 145).

²¹ Em 1930, o Brasil perdeu a oportunidade de contar com seu principal jogador, Arthur Friedenreich, na Copa do Mundo devido a um conflito entre a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA) e a Confederação Brasileira de Desportos (CBD). A disputa entre as entidades resultou na ausência de alguns dos melhores jogadores paulistas da seleção, enfraquecendo a equipe nacional no torneio.

de um “jornalismo letrado” (Hollanda, 2021) fundamentado na publicação de livros para serem deixados como registro da história e memória do futebol brasileiro.

As obras mencionadas foram selecionadas para traçar um breve percurso por alguns dos principais livros sobre futebol publicados antes de *O Negro no Futebol Brasileiro* (NFB), todos compartilhando o compromisso interpretativo com a trajetória do esporte no Brasil. Embora *História do Futebol Brasileiro* tenha sido publicado em 1950, sua inclusão aqui se justifica pela relevância de seu autor, Thomás Mazzoni, e pela importância da obra. Por décadas, tanto *História do Futebol Brasileiro* quanto *O Negro no Futebol Brasileiro* foram as principais referências para pesquisas sobre a história do futebol no país. A partir deste ponto, este artigo se concentrará em uma análise sincrônica da recepção crítica do principal livro de Mário Filho, assim como dos escritos mais relevantes sobre futebol e sua relação com a sociedade brasileira, sob a ótica do racismo.

2. *O Negro no Futebol Brasileiro*, o livro

Os anos de 1930 foram efervescentes no Brasil. Nesse contexto de mudanças em setores variados é notável a configuração de um empenho coletivo de intelectuais e artistas em interpretar o país. Esse esforço se fez evidente no chamado romance do Nordeste que incluiu autores como Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos e José Lins do Rego preocupados em trazer à cena uma região do país, até então, esquecida. No campo das Ciências Sociais, *Casa-Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, e *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, são contribuições representativas do ímpeto de uma geração imersa em intensas transformações culturais e políticas (Candido, 1989). As ideias encontravam nos livros um importante meio de circulação, o que foi possibilitado graças à modernização e fortalecimento do mercado editorial (Miceli, 1979). Na década de 1930, temos a fundação de relevantes editoras e livrarias entre as quais destacamos a Irmãos Pongetti Editores que, até 1935, era apenas uma gráfica. Pertencente aos irmãos Ruggero e Henrique Pongetti, empresa disponibilizava em seu catálogo uma seleção de obras traduzidas de renomados autores internacionais, como o Fiódor Dostoiévski e André Maurois e, em 1939, se tornou uma das maiores editoras do país, graças ao sucesso da publicação da obra *E o Vento Levou*, de Margaret Mitchell (Hallewell, 2017). Foi por meio da editora Irmãos Pongetti que Mário Filho publicou seus primeiros quatro livros sobre futebol, incluindo *O Negro no Futebol Brasileiro*, em 1947.

O circuito de relacionamentos de Mário Filho era amplo e, como sugeriu Sérgio Leite Lopes (1994), o jornalista era uma figura que cultivava uma imagem marcada por certo ecumenismo e que costumeiramente podia ser visto seja no Café Nice ou no Café Rio Branco, cercado desde os mais importantes nomes do futebol carioca, figuras políticas, escritores até simples torcedores, com os quais travava longas conversas. Além da sociabilidade das ruas, as redações dos jornais em que ele trabalhou também eram espaços de encontro para diversas personalidades de diferentes áreas. Um exemplo é o escritor José Lins do Rego, que lhe foi apresentado na redação do jornal *O Globo*, no início da década de 1940 (Hollanda, 2021)²². Em 1945, José Lins assumiu a função de cronista do *Jornal dos Sports*, a convite de Mário Filho, então proprietário do periódico e seu amigo próximo²³. Na época, José Lins era um escritor de prestígio e que desempenhava um papel fundamental como mediador entre os artistas e intelectuais nordestinos e o circuito editorial do Rio de Janeiro (Dias, 2013). O autor de *Menino de Engenho*, ao que parece teve papel importante no processo de recepção crítica da obra *O Negro no Futebol Brasileiro*, sobretudo se considerarmos, dos cinco autores que compõem o corpo de críticas publicadas no *Jornal dos Sports*, três integravam o grupo de romancistas do Nordeste. Todos mantinham uma relação próxima com José Lins do Rego, como veremos com mais detalhes adiante.

Além da recepção da obra, é importante destacar que o prefácio de *O Negro no Futebol Brasileiro* foi escrito por Gilberto Freyre. Além de amigo próximo de José Lins do Rego, Freyre manteve com ele uma intensa parceria intelectual, cuja influência é notável na produção literária de ambos (Larreta; Giucci, 2007). É provável que José Lins tenha levado a obra de Mário Filho, a conhecimento de Gilberto Freyre para sua apreciação. Afinal quase um ano antes da publicação do livro, José Lins comenta em sua coluna: “sei que Gilberto Freyre [...] já tomou para avaliação as investigações de Mário Filho” (*Jornal dos Sports*, 1946, p. 7). No prefácio de NFB, Freyre afirma que o futebol havia se transformado em uma “verdadeira instituição nacional” (Mário Filho, 1947, p. 4), fenômeno que, em sua opinião, só se tornara possível, pois diferentemente de outras modalidades esportivas, o futebol havia incorporado “um pouco de samba, um pouco de molecagem baiana e até um pouco de capoeiragem pernambucana ou malandragem carioca” (Mário Filho, 1947, p. 11), tornando-se tão híbrido quanto a própria sociedade

²² Mário Rodrigues era um desafeto declarado de Getúlio Vargas. Com a chegada de Vargas ao poder, a redação de *Crítica* foi invadida e destruída. Diante desse cenário, Mário Filho saiu em busca e conseguiu trabalho no jornal *O Globo*.

²³ O escritor pernambucano foi um apaixonado por futebol que mantinha no *Jornal dos Sports* a coluna “Esporte e Vida”. Sobre José Lins e o futebol ver Holanda (2004).

brasileira. Para o sociólogo, ao absorver esses elementos é que o futebol “afastou-se do bem ordenado original britânico para tornar-se a dança cheia de surpresas irracionais e variações dionisíacas que é” (Mário Filho, 1947, p. 11). Essas ideias de Freyre acerca do futebol já haviam sido manifestadas pelo autor no artigo “*Football mulato*”, publicado no *Diário de Pernambuco*, durante a Copa de 1938²⁴.

Mas além de demonstrar sua hipótese acerca da singularidade do futebol praticado no Brasil, Gilberto Freyre enaltece o livro e seu autor, Mário Filho, qualificando-o como dono de “uma objetividade, uma segurança, uma minúcia, um luxo de pormenores significativos, que tornam seu ensaio obra de importância para o estudo sociológico e psicológico da ascensão do negro e do mulato na sociedade” (Mário Filho, 1947, p. 4). Esse prefácio — escrito por um dos mais importantes nomes da sociologia brasileira da época — é fundamental elemento paratextual que cumpre o papel de tentar conferir a Mário Filho legitimidade necessária a um autor que era jornalista, sem formação acadêmica e que compôs a obra tendo como fonte principal relatos orais, não documentados²⁵. A importância do prefácio de Gilberto Freyre se evidencia nas mais relevantes resenhas sobre *O Negro no Futebol Brasileiro* publicadas, em sua maioria, no ano de 1948, no *Jornal dos Sports*. Entende-se por principais já que possuem um caráter analítico adensado e foram escritas por destacados nomes do campo intelectual brasileiro. Antes de adentrarmos na recepção crítica propriamente dita vale destacar alguns epitextos relacionados a obra em questão, nos quais a referência a Gilberto Freyre também é uma constante.

Na edição do dia 20 de março de 1947 do *Jornal dos Sports* (Figura 4), a capa do livro *O Negro no Futebol Brasileiro* está destacada no lado direito, ao final da primeira página, acompanhada da frase: “O negro no football brasileiro. Mário Filho lança hoje sua nova obra literária” (*Jornal dos Sports*, 1947, p. 1). Abaixo dessa inscrição, em texto não assinado, exalta-se a habilidade de escrita de Mário Filho e sua capacidade de fazer um livro cujo interesse ia além do esporte, adquirindo características de “uma autêntica obra de sociologia” afirmação que é amparada por uma explícita menção ao prefácio de Gilberto Freyre (*Jornal dos Sports*, 1947). Em 22 de março de 1947, o *Jornal dos Sports* anuncia o *Sucesso de O Negro no Futebol Brasileiro. O novo livro de Mário Filho*” (Figura 5). Acima dessa frase há a foto de uma vitrine da

²⁴ Esse texto foi publicado no *Diário de Pernambuco*, em 1938, dias após a vitória da seleção brasileira sobre a Tchecoslováquia, na Copa da França. Para o sociólogo, a plena adaptação do esporte ao país representa uma comprovação do caráter dionisíaco da cultura brasileira. Utilizando a classificação de Ruth Benedict, Freyre conclui que ser brasileiro, psicologicamente, é ser mulato — um antagonista do formalismo apolíneo e dionisíaco à sua maneira, refletindo o ‘grande jeito mulato’.

²⁵ A principal fonte de Mário Filho é a memória de jogadores, dirigentes e outras pessoas com as quais conversou e coletou depoimentos sobre o passado do futebol brasileiro.

livraria Civilização Brasileira repleta de exemplares da referida publicação (22 de março de 1947). São vários os anúncios feitos pelo periódico, muitos dos quais vinham acompanhados, em destaque, de um trecho de elogio assinado por Gilberto Freyre: “Este livro de Mario Filho é um dos mais originais e sugestivos escritos ultimamente por um brasileiro. Ultimamente ou talvez, em qualquer época” (Jornal dos Sports, 20 de março de 1947). Nas propagandas, informava-se o preço de venda e os locais onde seria possível adquirir um exemplar — sendo um deles a própria redação do *Jornal dos Sports* (Figura 6).

Figura 4 – Notícia do lançamento do livro *O negro no futebol brasileiro*



Fonte: *Jornal dos Sports* - Hemeroteca Digital Brasileira²⁷

Figura 5 – Foto da vitrine da livraria Civilização Brasileira²⁶



Fonte: *Jornal dos Sports* - Hemeroteca Digital Brasileira²⁸.

Figura 6 – Propaganda do livro *O negro no futebol brasileiro*



Fonte: *Jornal dos Sports* - Hemeroteca²⁹ Digital Brasileira.

Os anúncios trazem um forte indício da intenção de que Mário Filho em ampliar de sua obra para além de um círculo restrito de leitores. Isso fica evidente na informação de que o livro estava disponível em

²⁶ Com exemplares expostos de *O Negro no Futebol Brasileiro*.

²⁷ Página principal. Publicado em 20 de março de 1947.

²⁸ Publicado em: 22 de março de 1947.

²⁹ Publicado em: 1º de abril de 1947.

“todas as livrarias³⁰”, contando com a Civilização Brasileira como distribuidora exclusiva e oferecendo serviço de reembolso postal, facilitando sua aquisição pelo público. Outra característica que chama a atenção, diz respeito ao fato de *O Negro no Futebol Brasileiro* ter sido publicado em dois formatos: uma edição comum custando CR\$ 30,00 e uma “Edição de luxo” com tiragem numerada de 1 a 100 com preço unitário de CR\$ 200,00³¹. Essas podem ser consideradas demonstrações do investimento feito na publicação, sobretudo, se considerarmos que no final dos anos de 1940, o mercado editorial brasileiro se encontrava bem menos produtivo do que no decênio anterior (Hallewell, 2017, p. 163)³².

A importância conferida aos epitextos e paratextos no processo de elaboração e divulgação do livro *O Negro no Futebol Brasileiro* evidencia semelhanças com estratégias acima mencionadas e adotadas por Mário Filho desde seus primeiros livros *Bonecas* e *Senhorita 1950*. Em sua extensa carreira de escritor destaca-se o recorrente uso das páginas dos jornais nos quais atuava como instrumento fundamental de divulgação de suas obras e exposição das críticas —todas favoráveis— recebidas³³. No caso de *O Negro no Futebol Brasileiro*, destaca-se o papel do *Jornal dos Sports*, periódico de propriedade de Mário Filho desde 1936. Além disso, é fundamental ressaltar que parte da recepção crítica dessa obra contou com importantes figuras do cenário intelectual brasileiro, reforçando seu impacto e relevância. Esse aspecto — que confere singularidade à recepção do livro de Mário Filho — provavelmente se vincula ao cultivo de uma rede de contatos formada por relevantes pessoas do circuito intelectual brasileiro. Cultivo notável desde a época de sua atuação como escritor de textos ficcionais, nos jornais de seu pai, como visto no início deste artigo.

3. A recepção crítica de *O Negro no Futebol Brasileiro* (1947-1948)

A primeira resenha de *O Negro no Futebol Brasileiro* publicada no *Jornal dos Sports* foi escrita por Raquel de Queiroz, uma das principais representantes da vertente regionalista na ficção modernista brasileira (Bosi, 1994). No texto “O Negro no Foot-ball Brasileiro” (Figura 7), Raquel de Queiroz afirma que o valor da obra de Mário Filho estava na sua capacidade de demonstrar o processo de “mulatização”

³⁰ O trecho não especifica se a expressão “todas as livrarias” se refere apenas ao Rio de Janeiro ou se abrange outros estados.

³¹ Em uma das edições de 1947, há registro de uma tiragem de 100 exemplares, além de uma edição especial de 20 exemplares também numerados, destinados exclusivamente a circulação “fora do comércio”.

³² De acordo com Hallewell (2017) o mercado editorial brasileiro se apresentava em crise no final da década de 1940, o ramo livreiro produzia menos exemplares por ano e com uma redução significativa da tiragem média dos livros editados.

de um esporte importado da Inglaterra que havia se convertido em atividade popular e tipicamente brasileira, segundo a autora (*Jornal dos Sports*, 7 de julho de 1948). Por “mulatização” Raquel de Queiroz compreende o processo de democratização do futebol brasileiro, que se daria à medida que esse esporte havia deixado de ser um jogo restrito à elite e passa a ser praticado pela população de um modo geral, sobretudo, “seus ases mulatos, caboclos e negros e os imigrantes” (*Jornal dos Sports*, 7 de julho de 1948). Mesmo sem citá-lo, Raquel de Queiroz faz uso de argumentos comuns ao pensamento de Gilberto Freyre, sobretudo, quando faz referência ao “mulato”, categoria que para o sociólogo representaria a plasticidade e o dinamismo da formação brasileira (Giucci; Laretta, 2002). Essa hipótese está presente em *Casa-Grande e Senzala* (1933) e foi levada por Gilberto Freyre para as interpretações que fez da transformação do futebol em uma das principais manifestações da brasilidade³⁴.

Figura 7 – Resenha de Raquel de Queiroz



Fonte: *Jornal dos Sports* - Hemeroteca Digital Brasileira³⁵

Além disso, Rachel também ressalta a importância de se escrever sobre o futebol, o esporte mais popular do país. Porém, a autora faz questão de demarcar que o livro não havia sido feito “somente para os aficionados” (*Jornal dos Sports*, 7 de julho de 1948). A singularidade de *O negro no Futebol Brasileiro* estaria no fato de nos mostrar esse esporte enquanto um “fenômeno social” (*Jornal dos Sports*, 7 de julho de 1948), representativo da própria formação do Brasil. A autora pontua momentos que considera emblemáticos no livro de Mário Filho destacando, sobretudo, fatos vinculados aos clubes do subúrbio carioca, como é o caso do Andaraí “um clube de homens

³⁴ Essa hipótese é esmiuçada no já mencionado artigo “Football Mulato” publicado em 1938.

³⁵ Publicado em: 7 de julho de 1948.

humildes” (*Jornal dos Sports*, 7 de julho de 1948) cujas histórias provocariam emoção nos leitores. Por fim, Raquel de Queiroz reconhece a habilidade narrativa de Mário Filho, chegando a denominar o *NFB* como a *Ilíada* do futebol brasileiro. O reconhecimento da qualidade da escrita de Mário Filho é uma constante nas críticas subsequentes, destacando-se, em particular, na análise de Olívio Montenegro, que exploraremos adiante.

Seguindo a cronologia das publicações, temos a resenha “Sociologia do Esporte”, escrita pelo jornalista e atuante intelectual Nelson Werneck Sodré, publicada em 8 de julho de 1948. Esse texto se destaca como um dos mais extensos dentro do corpus analisado, o que reforça sua relevância e profundidade na investigação proposta. O principal argumento de Nelson consiste no fato de que a força do esporte em mover multidões deveria ser alvo de estudo e respeito dos intelectuais por ser uma atividade com tamanha popularidade. Sodré inicia o texto criticando os intelectuais que “viram a cara quando se fala em esporte” — publicado em 8 de julho de 1948. O autor revela que nunca considerou as práticas esportivas, especialmente o futebol, como um tema secundário e ainda levanta questionamentos que ampliam a reflexão sobre sua relevância no contexto social e cultural: “Não sou daqueles que se envergonham de gostar de football. Duas coisas, aliás, me separam do tipo habitual do homem de estudo em nosso país: o gosto do esporte, com a formação esportiva, e a formação matemática” (*Jornal dos Sports*, 8 de julho de 1948).

Essas passagens chamam a atenção pela convergência com as ideias de Hans Ulrich Gumbrecht, que, em *Elogio da Beleza Atlética* (2007), aponta um certo desinteresse da academia pelo estudo do esporte. Gumbrecht destaca a importância de apreciar e analisar o esporte, defendendo sua relevância cultural por meio do conceito de “beleza atlética como encarnação dos valores mais altos da cultura” (Gumbrecht, 2007, p. 175). A relação entre essas perspectivas evidencia a necessidade de uma abordagem mais aprofundada sobre o tema no meio acadêmico. O elogio de Gumbrecht seria uma forma de gratidão aos momentos de prazer e vitalidade que os atletas — heróis em suas breves carreiras — nos proporcionaram. Ele argumenta que a experiência de assistir a performances atléticas seria muito próxima à apreciação do belo nas artes visuais, por exemplo.

Tudo leva a crer, com base na resenha em questão, que Werneck Sodré compartilharia da visão de Gumbrecht. No entanto, sua análise ultrapassa essa concordância inicial, ampliando a discussão ao trazer novas perspectivas e aprofundamentos sobre a relevância do esporte no

cenário acadêmico e cultural. Além disso, Werneck Sodré enfatiza a contribuição singular do negro ao futebol brasileiro, com argumentos semelhantes aos usados por Gilberto Freyre a quem menciona explicitamente (*Jornal dos Sports*, 8 de julho de 1948)³⁶. Nelson exaltou o mérito de Mário Filho em fazer desse esporte veículo a partir do qual era possível pensar sobre sociedade brasileira, pois embora o futebol fosse um assunto desprestigiado em âmbito acadêmico, pela sua popularidade, já podia ser considerado “uma característica do nosso povo” (*Jornal dos Sports*, 8 de julho de 1948). Um povo que transformava jogadores em ídolos, comparáveis às estrelas de cinema, presentes regularmente nas páginas da imprensa e admirados por um público massivo. O futebol, capaz de mobilizar multidões, que recebeu um tratamento acadêmico inovador no livro de Mário Filho, que se destacou pelo rigor metodológico e pela abordagem cuidadosa ao recorrer à “observação, tradição oral e documentos” (*Jornal dos Sports*, 8 de julho de 1948).

No dia seguinte, em 9 de julho, foi publicada a crítica “O negro no Football”, de Jorge de Lima, poeta nordestino que havia dedicado atenção à temática da herança africana no Brasil³⁷. A menção a Gilberto Freyre — de quem Jorge de Lima era próximo — se faz presente já no início de seu texto quando o poeta destaca o prefácio que o sociólogo escrevera para *O Negro no Football*. Jorge de Lima toma esse fato como um indício da importância dessa obra não somente para o futebol, mas para a história do negro no Brasil. O poeta ressalta que no livro de Mário Filho a questão do negro havia recebido um tratamento criterioso, marcado por uma seriedade somente equiparável a *Casa-Grande e Senzala*. A resenha de Jorge de Lima destaca ainda o que ele considerava como sendo mérito de Mário Filho, o fato de o jornalista colocar o negro no protagonismo da história do esporte mais popular do país, trazendo a conhecimento público sua dificultosa trajetória em um ambiente futebolístico marcadamente elitista nos anos iniciais de sua implantação no Brasil.

A resenha seguinte, “Uma história de football”, publicada em 15 de julho de 1948, de autoria de paraibano Olívio Montenegro, que construiu sua carreira de jornalista, crítico e professor em Pernambuco. Colaborador do *Diário de Pernambuco*, *Correio da Manhã* e secretário do jornal *A Província*, na época em que o periódico era dirigido por Gilberto Freyre (Valones,

³⁶ Vale mencionar que Nelson Werneck Sodré foi um dos autores que, em 1943, em comemoração aos dez anos de *Casa-Grande e Senzala* publicou um texto repleto de elogios à obra e seu autor (Werneck *apud* Giucci, Larreta, 2002, p. 979).

³⁷ *Poemas Negros*, de 1947, que reunia algumas de suas produções acerca da presença negra no Brasil.

1994). O vínculo entre Olívio e José Lins do Rego parece ter sido muito próximo, como evidenciado pela abundante troca de correspondências entre eles. O tom dessas cartas, predominantemente afetuoso, reforça a profundidade dessa amizade (Figueiredo Jr., 2005; Valones, 1995). Esse dado é importante e pode se vincular à presença de Olívio como um dos resenhadores de *O Negro no Futebol Brasileiro*. O texto de Olívio se destaca por enfatizar, com maior cuidado, a demonstração de que o referido livro, apesar de bem escrito, “não é um livro de novela, mas de história” (*Jornal dos Sports*, 15 de julho 1948). Essa preocupação, aliás, é explicitada pelo próprio Mário Filho quando afirma “não, eu não usei a imaginação [...] Uma vaidade eu tenho: a de apresentar uma obra que desafia contestação” (Mário Filho, 1947, p. 10).

Para Olívio, a força de *O Negro no Futebol Brasileiro* estaria na sua capacidade de cativar os leitores por intermédio de uma narrativa sedutora da qual “pode aproximar-se sem medo que não boceja” (*Jornal dos Sports*, 15 de julho de 1948). Justamente por não se reduzir a um relatório de datas, a obra de Mário Filho deveria ser exaltada porque seu autor “não se limita a fazer simplesmente o histórico dos clubes, mas a psicologia das figuras dos principais diretores [...]. E tudo nos traços mais pitorescos, mais incisivos” (*Jornal dos Sports*, 15 de julho de 1948). Para Olívio Montenegro a história e literatura longe de poderem ser consideradas como saberes opostos, devem aproximar-se de modo a conferirem vida e drama aos fatos narrados. Para além de suas qualidades narrativas, Olívio também menciona o valor sociológico da obra e termina seu texto recorrendo a uma citação prefácio de Gilberto Freyre: “E este livro de Mário Filho um dos mais originais e sugestivos escritos ultimamente por brasileiro” (*Jornal dos Sports*, 15 de julho de 1948).

E se Gilberto Freyre foi citado direta ou indiretamente em quase todos os textos mencionados até aqui, aquele que mais usou desse recurso foi “O futebol e o caráter dionisíaco do brasileiro”³⁸, de Maria Isaura Pereira, publicado no *Jornal dos Sports*, em 24 de julho de 1948 (Figura 8). Já no título é notável a referência à interpretação que Gilberto Freyre fez da relação entre futebol e a cultura brasileira explicitada tanto no prefácio do livro de Mário Filho, quanto no acima mencionado “Football Mulato” que aliás é nominalmente citado no texto de Maria

³⁸ Meses antes, o texto de Maria Isaura Pereira já havia sido publicado em *Joaquim*, n.18, maio de 1948. *Joaquim* foi uma revista literária publicada em Curitiba de 1946 a 1948. A revista foi idealizada por Dalton Trevisan que também exerceu a função de editor. Sobre esse periódico ver Romanovski. Um grupo abstrato: cultura, geração e ambições modernas na revista Joaquim. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de São Paulo, 2014.

Isaura. Recorrendo a conceitos de Ruth Benedict e Gilberto Freyre, autora inicia afirmando que *O Negro no Futebol Brasileiro*, ao traçar o processo de integração do futebol à cultura brasileira, era uma obra que fornecia provas de que o povo brasileiro era “predominantemente dionisíaco” (*Jornal dos Sports*, 24 de julho de 1948), que privilegiava atividades como a dança, o carnaval e outras práticas que fossem pouco ordenadas pela lógica da técnica, mas sim ditadas pelo talento individual como aquele que havia sido demonstrado por jogadores como Leônidas da Silva³⁹.

Figura 8 – Resenha de Maria Isaura Pereira



Fonte: *Jornal dos Sports* - Hemeroteca Digital Brasileira⁴⁰.

Leônidas da Silva encarnaria o estilo dionisíaco e, portanto, brasileiro de jogar, pois ele seria “o solista por excelência, o individualista, o exuberante” (*Jornal dos Sports*, 24 de julho de 1948). Seus movimentos corporais no gramado se assemelhavam a de um dançarino capaz de vencer o adversário e encantar a plateia. Maria Isaura ressalta a importância do ato de torcer, destacando como Mário Filho descreve as vibrantes celebrações organizadas pelas torcidas nos dias de jogo — festas que se assemelham ao carnaval. Essa observação reforça a ideia de que, ao longo do tempo, o futebol europeu não apenas foi adotado no Brasil, mas transformado, adquirindo um estilo próprio ao absorver elementos culturais brasileiros, tanto na maneira de

³⁹ Apolíneo e dionisíaco são utilizados por Ruth Benedict para fazer uma contraposição entre dois padrões de cultura, são categorias de que o filósofo Friedrich Nietzsche lançou mão para compreender a composição da tragédia grega.

⁴⁰ Publicado em: 24 de julho de 1948.

jogar quanto na maneira de torcer. Essa incorporação só se tornou possível graças ao gradativo processo de popularização desse esporte e do momento em que os clubes começam a abrir as portas para jogadores vindos de todos os cantos do país (24 de julho de 1948). De todos os textos publicados, em 1948, sobre o livro de Mário Filho, o de Maria Isaura é o único que possui um caráter científico sistematizado, ao recorrer a categorias da antropologia — como os conceitos de cultura dionisiaca e apolínea — e ao elencar ao final, em notas, a bibliografia consultada.

Há importantes conexões entre ideias e pessoas, possíveis de serem rastreadas a partir da análise do conteúdo e dos principais artigos de cunho crítico publicados sobre *O Negro no Futebol Brasileiro*, entre os anos de 1947 e 1948 no *Jornal dos Sports*. Nesse sentido, evidencia-se uma rede de intelectuais e escritores que comungavam de perspectivas e projetos próximos no que diz respeito à tentativa de interpretar o Brasil, sobretudo, conferindo-se atenção a “grupos até então menos estudados ou estudados com ilusões deformadoras: além do negro, o índio, o trabalhador rural, o operário, o pobre” (Candido, 1989, p. 32). Mas a proximidade entre os críticos do *NFB* se estende para além do campo das ideias, vários mantinham amizade e se articulavam numa rede de sociabilidade intelectual que tinha José Lins do Rego como mediador principal. Esses aspectos, em grande medida, explicam duas importantes características do *corpus* aqui analisado. Todas as críticas são de caráter elogioso e possuem mais semelhanças do que diferenças no que diz respeito aos tipos de argumentos usados para fundamentar as leituras críticas ao livro *O Negro no Futebol Brasileiro*.

4. À guisa de conclusão: o circuito intelectual da recepção crítica da primeira edição de *O Negro no Futebol Brasileiro* (1947)

A obra se insere em um gradativo processo de formação de um âmbito editorial de publicação de livros sobre futebol no Brasil. Para refletirmos sobre a recepção crítica dessa obra, mostrou-se importante recorrer aos momentos iniciais da trajetória do escritor Mário Filho, quando o futebol ainda não se afigurava como temática de seu interesse. Ao voltarmos à época em que Mário Filho trabalhava no jornal *A Manhã*, e nele publicava escritos ficcionais e propagandeava os livros *Bonecas* e *Senhorita 1950*, evidencia-se a proximidade da família Rodrigues, especialmente Mário Filho, de um circuito artístico e intelectual. O qual passa a ser integrado por José Lins do Rego, a partir dos anos de 1930.

Dos cinco textos críticos publicados no *Jornal dos Sports* e aqui analisados, Raquel de Queiroz, Jorge de Lima e Olívio Montenegro faziam parte do grupo modernista-regionalista do Nordeste (Bosi, 1994), do qual Gilberto Freyre se tornou um importante representante. O elemento articulador desse grupo com o ambiente editorial e intelectual do Sudeste foi José Lins do Rego responsável, por exemplo, por apresentar a escritora e tradutora Raquel de Queiroz a José Olympio que a convidou para publicar em sua editora (Oliveira, 2017). Esse mesmo papel de mediador, José Lins já havia cumprido ao aproximar Gilberto Freyre, também, de José Olympio com quem manteve longa convivência pessoal e profissional. Pela editora José Olympio, Gilberto Freyre publicou a primeira edição de seu livro *Nordeste*, de 1937, e atuou como diretor da prestigiosa coleção “Documentos Brasileiros” (Larreta; Giucci, 2007).

Além da parceria profissional, José Lins era um amigo muito próximo de Gilberto Freyre, autor do prefácio de *O Negro no Futebol Brasileiro*. O livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, de Mário Filho, adquiriu uma credibilidade acadêmica única, em parte devido ao prefácio escrito por um dos mais renomados sociólogos do país na época. Esse respaldo foi essencial para consolidar a relevância do estudo, diferenciando-o de outras obras sobre o futebol. A recepção crítica ao livro frequentemente menciona esse prefácio e as interpretações de Gilberto Freyre, destacando a maneira como o futebol no Brasil se entrelaça com questões sociais e culturais, como mostrado na seção anterior.

Além dessa referência presente de modo direto ou indireto, duas categorias interpretativas perpassam as resenhas sobre *O Negro no Futebol Brasileiro*. A primeira diz respeito à qualidade da escrita de Mário Filho. Raquel de Queiroz e Olívio de Montenegro foram os que mais enfatizaram essa característica, compreendida por ambos como fundamental para cativar o público e prendê-lo em uma narrativa que tinha como tema um assunto tão relevante. É válido lembrar que o trânsito entre a história e literatura foi uma preocupação expressa pelo próprio Mário Filho que em nota ao leitor afirma “Nenhum historiador teria tido mais cuidado do que eu em selecionar os dados, em comprovar-lhe a veracidade por averiguações sucessivas” (Mário Filho, 1947, p. 10). Essa questão, aliás, foi tema de forte debate no campo acadêmico de estudos sobre esporte no Brasil⁴¹ e seguiu

⁴¹ *O Negro no Futebol Brasileiro* esteve no meio de uma polêmica acadêmica, ao ter sua legitimidade, enquanto fonte historiográfica, questionada. Sobre as discussões em torno dessa questão ver HELAL, R; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. *A Invenção do País do Futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

inquietando às mais recentes recepções críticas do livro, dentre as quais destacamos o livro *Mil e uma Noites de Futebol* (2006), de Marcelino Rodrigues Silva.

A segunda categoria de elogio diz respeito à escolha de Mário Filho em contar a história do futebol brasileiro tendo como eixo articulador a figura do negro e o preconceito por ele sofrido na sociedade. O texto de Jorge de Lima é o que mais enfatiza a questão racial, temática importante na carreira do escritor que em 1947 publicou o seu *Poemas Negros* que contou com o prefácio de Gilberto Freyre. Nesse caso, cabe mencionar que a questão do negro na sociedade brasileira não era uma preocupação tão comum ao modernismo pelo menos num primeiro momento e na produção de seus principais representantes de São Paulo (Gilioli, 2016). Mas a tendência à análise social é característica notável na escrita de autores e romancistas da vertente nordestina do Modernismo, como é o caso de Raquel de Queiroz, Jorge de Lima e Olívio Montenegro. O elogio ao negro também é destaque no texto de Nelson Werneck Sodré que exalta o livro de Mário Filho por tematizar o futebol, uma paixão nacional segundo o autor, atentando para a “contribuição do negro no desenvolvimento desse esporte” (*Jornal dos Sports*, 8 de julho de 1948).

A adoção de perspectiva sociológica, em um sentido mais estrito, do livro *O Negro no Futebol Brasileiro* fica a cargo de Maria Isaura Pereira, descrita pelo *Jornal dos Sports* como “escritora”. Porém, na época Maria Isaura cursava a graduação em Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo (USP), onde obteve o diploma, em 1949, tornando-se, alguns anos mais tarde, professora dessa instituição (Lopes, 2013). Esse traço biográfico explica o fato de sua resenha crítica ser aquela que apresentou um caráter evidentemente acadêmico, dando mostras de domínio a respeito dos conceitos de Ruth Benedict de cultura apolínea e dionisíaca usados pela autora para analisar o livro de Mário Filho. Gilberto Freyre é nome referencial no artigo de Maria Isaura que cita não somente o prefácio que o sociólogo fez para o NFB, mas seu artigo “Football Mulato”, em 1938. É importante destacar que Gilberto Freyre foi parceiro intelectual de Roger Bastide, um renomado estudioso das religiões afro-brasileiras, além de ter sido amigo e uma figura marcante na trajetória acadêmica de Maria Isaura Pereira, especialmente durante os estudos que ela realizou na França na década de 1950.

Por fim, caberiam investigações futuras para entendermos os possíveis motivos pelo qual a mais relevante parte da recepção crítica de *O negro no futebol brasileiro* tenha se concentrado no mês

de julho de 1948. Depois dessa época, será necessário esperar mais dezesseis anos para que o referido livro voltasse a ser um objeto de reflexões e leituras críticas especializadas. A segunda e definitiva edição de *O Negro no Futebol Brasileiro*, de 1964, ficou a cargo da Civilização Brasileira que aqui mencionado, foi uma das livrarias em cujas prateleiras foram colocados à venda exemplares da primeira edição, incluindo a possibilidade de aquisição do livro por reembolso postal. A mencionada editora sob o comando de Ênio Silveira — outro importante nome da história do livro no Brasil — contribuiu para a renovação dos métodos administrativos e publicitários, assim como as formas de produção gráfica no final dos anos de 1940. Gradativamente foi se transformando em uma das mais exitosas editoras do país chegando, naquele mesmo ano de 1964, a significativa marca de 46 (quarenta e seis) títulos novos lançados (Hallewell, 2017). Uma futura investigação sobre a recepção crítica da segunda edição de *O Negro no Futebol Brasileiro* seria bastante pertinente, especialmente considerando o relevante fato de que o autor acrescentou dois capítulos nesta edição. Tal análise poderia revelar como essas novas contribuições impactaram a percepção geral da obra e sua influência nos estudos sobre o tema.

Referências

- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CANDIDO, Antonio. A revolução de 1930 e a cultura. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.
- DIAS, Silvia Morelli. José Olympio, José Lins do Rego e Gilberto Freyre desde os anos 1930: uma leitura da cordialidade no modernismo brasileiro. *Intellèctus*, v. 12, n. 1, jan./jun., 2013.
- FIGUEIREDO, Antonio. História do Football em São Paulo. In: GAMBETA, Wilson. *Primeiros passes*. Documentos para a história do futebol em São Paulo (1897-1918). São Paulo: Ludens, 2014.
- FIGUEIREDO JR., Nestor Pinto de A correspondência passiva de JLR. *Revista Brasileira*, a. 11, n. 42, jan./fev./mar., 2005.
- FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1947.
- GAMBETA, Wilson (org.). *Primeiros passes*. Documentos para a história do futebol em São Paulo (1897-1918). São Paulo: Ludens, 2014.
- GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

GILIOLI, Renato de Souza. *Representações do negro no modernismo brasileiro*. Artes plásticas e música. BH: Minguilim, 2016.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Elogio da Beleza Atlética*. SP: Companhia das Letras, 2007.

HAAG, Fernanda Ribeiro. Mário Filho e O Negro no Futebol brasileiro: uma análise histórica sobre a produção do livro. *Revista Esporte & Sociedade*. Rio de Janeiro: a. 9, n. 23, mar./2014, p. 1-23.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EDUSP, 2017.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Aquém e além de O Negro no Futebol Brasileiro: uma releitura da obra do Jornalista esportivo Mário Filho entre os anos 1940 e 1960. *História: Questões & Debates*. Curitiba v. 69, n. 2, p. 188-219, jul./dez. 2021.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O Descobrimento do Futebol*. Modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.

JEUKEN, Bruno. *Salathiel de Campos: esporte e política (1926-1938)*. Dissertação (Mestrado em História Social) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

LARRETA, Enrique Rodriguez; GIUCCI, Guillermo. *Gilberto Freyre*. Uma biografia cultural. Editora: Civilização Brasileira, 2007.

LOPES, Aline Marinho. *Vida rural e mudança social no Brasil: tradição e modernidade na sociologia de Maria Isaura Pereira de Queiroz*. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

LOPES, José Sérgio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada. *Revista USP*. São Paulo: n. 22, 1994, p. 64-83.

LUCA, Tania Regina de. Periódicos lançados por editoras: o caso do *Boletim de Ariel* (1931-1939). *História*, São Paulo, v. 36 e 32, 2017.

MAZZONI, Thomaz. *História do Futebol no Brasil — 1894-1950*. São Paulo: Leia, 1950.

MICELI, Sergio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979.

PIAZZI, Giulia Sampaio. *Bolas de papel e jogadas editoriais: os livros de futebol publicados no Brasil entre 1903 e 1930*. Dissertação. (Mestrado em Estudos de Linguagens) — Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

PONTES, Heloísa. Retratos do Brasil: um Estudo dos Editores, das Editoras e das "Coleções Brasileiras", nas Décadas de 1930, 40 e 50. *Revista Brasileira de informação bibliográfica em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, n. 26, p.56-89, 1988.

SILVA, Marcelino R. da. *Mil e uma noites de futebol*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

STYCER, Mauricio. Líbero, Mazzoni e a criação de a gazeta esportiva. *1º Encontro da Alesde Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas*, 2008.

VALONES, Eduardo Henrique Cirilo. “Cartas de Olivio Montenegro” In: SALLES, Cecília Almeida; WILLEMART, Philippe (org.). *Gênese e memória: IV Encontro internacional de pesquisadores do manuscrito e de edições*. São Paulo: Annablume, 1995.

Leda M. da Costa – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisadora do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte, coordenadora do Observatório Social do Futebol.
E-mail: ledamonte@hotmail.com

Ronaldo Helal - Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Coordenador do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte. Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
E-mail: rhelalfla13@gmail.com